



O ensino de Jornalismo é tema secular. Foi mencionado pela primeira vez em 1908, durante o ato de instalação da Associação Brasileira de Imprensa (ABI). O Decreto-Lei nº 5.480, de 1943, instituiu o curso de Jornalismo no sistema de ensino superior no País. O Parecer nº 323/62 garantiu um currículo mínimo próprio ao curso. E a Resolução nº 11/69 regulamentou o curso de Comunicação Social.

Ao completar 120 anos de existência, o jornal A Tribuna é testemunha privilegiada desse processo de formação acadêmica que, longe de concluído, revigora-se ante as mudanças sociais das duas últimas décadas. São de tal ordem e impacto que se exige do jornalista a capacidade para compreender, desnudar, decifrar e traduzir a nova realidade. E a academia deve dar conta dessa formação.

Nessa perspectiva, desde 1º de outubro de 2013 vigora a Resolução nº 1 do Conselho Nacional de Educação, referente às Diretrizes Curriculares Nacionais do curso de Jornalismo, as quais deverão ser implantadas pelas instituições de ensino até novembro de 2015.

Em seu bojo, recria o curso de Jornalismo desvinculando-o da subordinação à área de Comunicação Social, buscando uma grade curricular equilibrada entre as bases da teoria e da prática. Um modelo pedagógico um tanto diversos anteriores, que reuniu na USP, em 14 de fevereiro deste ano, cerca de uma centena de docentes da área para discuti-

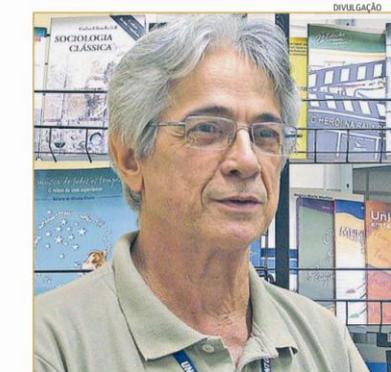
FORMAÇÃO SUPERIOR EM DEFESA DA SOCIEDADE

Marcelo DiRenzo

Ao completar 120 anos de existência, o jornal A Tribuna é testemunha privilegiada desse processo de formação acadêmica que, longe de concluído, revigora-se ante as mudanças sociais das duas últimas décadas

rem as mudanças.

Adotando um modelo centralizado na teoria até o final da década de 1950, o ensino de Jornalismo buscou uma aproximação com a técnica já na década seguinte. A Resolução nº 11/69, regulamentando o curso de Comunicação Social, privilegiou o currículo de formação profissional, até como uma estratégia de adequação ao mercado. Ao mesmo tem-



Jornalista e coordenador do curso de Jornalismo da Unisantos

po, foi determinada, ainda, a exigência de diploma superior para o exercício da profissão de jornalista por meio do Decreto nº 972/69.

Esclareça-se que a formação superior não era condicionante para o ingresso no mercado de trabalho, no Brasil, até o final da década de 1960.

O novo olhar sobre a necessária formação do jornalista contribui (rá) para afastar a crise vivenciada pelos veículos de Comunicação, que é aguda

Quem buscava ingresso nos cursos existentes (e Santos é pioneira também nessa área), pretendia a qualificação mais apurada.

A supressão da exigência de diploma, em 2009, levou à interpretação de que a formação superior de jornalistas estava com seus dias contados. Alguns cursos chegaram mesmo a encerrar suas atividades. Outros enfrentaram momenta-

ria redução do número de ingressantes em um ou dois anos. Os sindicatos e a Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj) tiveram trabalho para reverter a situação.

A realidade tem outra face. A formação de qualidade elevada é muito mais interessante e econômica à lógica empresarial. O diploma é um diferencial cobiçado nos processos de seleção.

No entender do filósofo francês Gaston Bachelard, é necessário reverem-se periodicamente as estruturas que sustentam as Ciências, para que se possa entender o presente. Nesse aspecto revisional, o perfil do egresso do Curso de Jornalismo definido no Art. 5 das Diretrizes Curriculares Nacionais de 2013 não deixa dúvidas quanto ao fato de que o curso de Jornalismo deve formar jornalistas "[...] com formação acadêmica generalista, humanista, crítica, ética e reflexiva, capacitando-o, dessa forma, a atuar como produtor intelectual e agente da cidadania..."]

O novo olhar sobre a necessária formação do jornalista contribui (rá) para afastar a crise vivenciada pelos veículos de Comunicação, a qual, segundo os teóricos da área, é aguda e ameaça a continuidade dos vínculos de credibilidade e confiabilidade que lhe dão respaldo junto à sociedade. E esta, se não contar em sua defesa com uma imprensa de qualidade, comprometida com a prática jornalística ética e crítica, ficará à deriva, desorientada frente o domínio do mercado e da tecnologia, pela exacerbção do consumo e pelo hiperindividualismo.